

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANA RAFAELA DA SILVA XAVIER

REFLEXÕES ACERCA DOS USOS DE APARELHO CELULAR NA SALA DE  
AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO:  
DILEMAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA – ESCOLA ESTADUAL  
SEGISMUNDO PEREIRA, UBERLÂNDIA – MG, 2023

UBERLÂNDIA – MG  
2024

ANA RAFAELA DA SILVA XAVIER

REFLEXÕES ACERCA DOS USOS DE APARELHO CELULAR NA SALA DE  
AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO:  
DILEMAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA – ESCOLA ESTADUAL  
SEGISMUNDO PEREIRA, UBERLÂNDIA – MG, 2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em História – Licenciatura. Orientador: Profa. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha.

UBERLÂNDIA – MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

X3 2024	Xavier, Ana Rafaela da Silva, 2000- REFLEXÕES ACERCA DOS USOS DE APARELHO CELULAR NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO [recurso eletrônico] : DILEMAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA - ESCOLA ESTADUAL SEGISMUNDO PEREIRA, UBERLÂNDIA - MG, 2023 / Ana Rafaela da Silva Xavier. - 2024.  Orientadora: Nara Rúbia de Carvalho Cunha. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.  1. História. I. Cunha, Nara Rúbia de Carvalho, 1978-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título.  CDU: 930
------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

ANA RAFAELA DA SILVA XAVIER

REFLEXÕES ACERCA DOS USOS DE APARELHO CELULAR NA SALA DE AULA  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO: DILEMAS PARA O  
ENSINO DE HISTÓRIA – ESCOLA ESTADUAL SEGISMUNDO PEREIRA,  
UBERLÂNDIA – MG, 2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de  
História da Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de Graduação em  
História – Licenciatura. Orientador: Profa. Dra. Nara Rúbia  
de Carvalho Cunha.

Uberlândia, 15 de abril de 2024

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha – Orientadora  
(Universidade Federal de Uberlândia)

---

Profa. Dra. Iara Toscano Correia – Examinadora  
(Universidade Federal de Uberlândia)

---

Profa. Ms. Jacqueline Aparecida Mendonça – Examinadora  
(Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais)

## AGRADECIMENTOS

Se hoje cheguei até aqui foi porque em primeiro lugar Deus esteve presente no meu coração fazendo com que eu suportasse toda a jornada não só da graduação, mas a dura saída do estado onde nasci, o Rio Grande do Norte. Minha gratidão à Deus e a Nossa Senhora.

A minha mãe, Adriana, agradeço por ser minha inspiração diária de força. Obrigada por todo suporte necessário para que eu concluísse a graduação, obrigada por acolher meu coração e por ser um exemplo de mulher para mim. Com certeza eu não chegaria até aqui sem a tua motivação. Te amo, mãe.

A minha namorada, Gaby, por estar comigo desde o início da graduação, por me ouvir falar sobre a faculdade, por ser a primeira a presenciar minhas apresentações e até mesmo a minha primeira aula no estágio. Obrigada por ter acolhido cada lágrima, por ter me transmitido confiança e por sempre me lembrar que sou capaz. Agradeço por nunca soltar a minha mão. Te amo, amor.

Aos melhores amigos que a vida poderia ter me dado, Villyart e Tanise, vocês são incríveis. Obrigada por estarem comigo em cada etapa da minha vida, mesmo distantes vocês foram e são o carinho de Deus comigo. Amo vocês.

A minha voinha, Antônia Maximino (in memoriam), obrigada pelo pouquinho tempo em que esteve na minha vida, tenho certeza que eu seria muito mais feliz se tivesse a senhora hoje. Obrigada por ter deixado tantas histórias boas e por ter me dado uma mãe e tios que amo.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Nara. Obrigada por ter me acolhido, por toda paciência e compreensão até aqui. Obrigada por ser reflexo de uma pessoa humana, por me inspirar diversas vezes com as suas experiências de vida no ensino, por ser exemplo de mulher e profissional.

*“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como um processo, como vir a ser...”*

*-Paulo Freire*

## RESUMO

A proposta desse artigo é refletir acerca dos usos de aparelhos celular na sala de aula de escolas públicas no Brasil, após a Pandemia da Covid-19, com vistas a ponderar sobre possibilidades para o Ensino de História. Para desenvolvimento da pesquisa, procedi a um estudo de caso, analisando como tem se dado a relação da escola e seus sujeitos com os celulares no ambiente da sala de aula. O *locus* da investigação foi a Escola Estadual Segismundo Pereira, no bairro Santa Mônica, em Uberlândia-MG, a qual tive a oportunidade de frequentar como docente em formação na Graduação em História, modalidade Licenciatura, ao longo da realização de atividades de PROINTER e Estágios Supervisionados. Com foco no meu campo de formação, realizei pesquisa bibliográfica sobre usos de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) na educação, enquanto acompanhava aulas de História sob a supervisão da professora Jacqueline Aparecida Mendonça, em turmas o 9º ano do Ensino Fundamental e no 1º. ano do Ensino Médio ao longo de segundo semestre de 2023. Além disso, analisei o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) e realizei pesquisa junto aos estudantes, a fim de ouvir as vozes de diferentes sujeitos a respeito do meu tema de pesquisa. Como fonte de pesquisa me detenho especialmente nos dados obtidos a partir da pesquisa junto aos estudantes, notas de observação de estágio por mim realizadas e o PPP da escola.

**Palavras-chave:** Ensino de História, sala de aula, celular, Escola Estadual Segismundo Pereira

## ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the use of electronic devices in the classroom of public schools of Brazil, after the COVID-19 pandemic, in order to consider possibilities for education in history. For the process of this research, I conducted a case study, analyzing how the relationship between the school and its students with cell phones in the classroom environment has been. The locus of the investigation was the Segismundo Pereira State School, in Uberlândia-MG, in which I had the opportunity to attend as an instructor in training of my history major, modality teaching certificate, during the fulfillment of my PROINTER activities and supervised internships. Focusing on my field of study, I conducted research on the use of New Technologies of Information and Communication (NTICs) in education, while I attended the history classes under the supervision of Professor Jacqueline Aparecida Mendonça, in a 9th grade class of

elementary school and 1st grade of high school throughout the second semester of 2023. Furthermore, I analyzed the school's Political Pedagogical Project (PPP) and conducted research with the students, in order to hear different perspectives of different people regarding my survey. As a source, I specially detain all data obtained from the study with the students, internship observations made by me and the school's PPP.

**Keywords:** History education, classroom, cellphones, Segismundo Pereira State School

## SUMÁRIO

<b>I- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>II- AS NTIC's NO ENSINO DE HISTÓRIA E O VELHO DILEMA DAS DESIGUALDADES .....</b>	<b>12</b>
<b>III- O USO DE CELULARES NA SALA DE AULA – BREVES APONTAMENTOS A PARTIR DO CASO DA E. E. SEGISMUNDO PEREIRA.....</b>	<b>18</b>
<b>IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>

## I- INTRODUÇÃO

O uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) tem início significativo, no Brasil, no final do século XX e início do XXI e vem se expandindo durante os anos, tornando-se cada vez mais presente na vida das pessoas e com mais fácil acesso.

Embora ainda existam muitas pessoas que são excluídas do acesso às NTICs, é comum que encontremos em todas as escolas do Brasil um número considerável de alunos que possuem aparelhos celulares<sup>1</sup>. Ao analisarmos nosso país sob essa perspectiva, conseguimos enxergar que as crescentes mudanças nos âmbitos tecnológicos acabam impactando nossas vidas diretamente, fazendo com que emergja uma nova forma de enxergar o século atual.

O pesquisador Giliard da Silva Prado (2021) fala em seu artigo “*Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet*” que “Alguns fatos e processos históricos marcam determinados períodos de maneira tão significativa que passam a ser utilizados como elementos de identificação de uma época” (PRADO, 2021, p.3). Não é diferente com NTICs, pois vêm marcando no nosso século um momento histórico bastante significativo, fazendo com que até consigamos visualizar uma mudança brusca em relação ao passado, levando em consideração a rapidez que a internet se estabelece no nosso cotidiano. Prado ainda fala que algumas eras históricas muitas vezes se delimitavam à história de algumas nações ou períodos diferentes, mas a “era da internet” nos dá outro sentido de temporalidade e espaço, se tornando “um fenômeno de escala global.” (Idem, p.3)

Os pesquisadores Maria do Socorro Souza e Paulo Augusto Tamanini (2019) consideram que essas mudanças repercutem na população de um modo geral. Porém, para os jovens, que já nasceram na era digital, essas características da era da internet são ainda mais visíveis e significativas, pois “(...) é um indivíduo conectado, ubíquo, móvel. Além disso, é exigente, curioso, imediatista, flexível, crítico, autodidata e multitarefa. Com traços peculiares, mescla o virtual e o presencial, o *on line* e o *off-line*” (SOUZA, TAMANINI, 2019, p.30).

Assim como as interações estão mudando com essa nova geração, também no âmbito educacional há demanda por mudanças, as quais trazem outras necessidades, desafios e possibilidades para o Ensino de História.

---

<sup>1</sup> Segundo dados do IBGE Educa (2021), entre as pessoas que utilizaram a internet, os estudantes são o maior público com 90,3%. Já entre as redes de ensino, os estudantes de escola privada são um total de 98,2% enquanto os estudantes de escola pública são 87,0%. Entre os equipamentos mais utilizados por estudantes para acesso à internet, o celular é o primeiro na lista com 97,9%.  
Fonte: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>

Nos anos de 2020 a 2023, o mundo passou pela Pandemia da COVID-19<sup>2</sup>, que provocou mudanças nas interações sociais em função das medidas de isolamento, que impactaram os modos de trabalhar, estudar e conviver. Passamos a ficar mais ligados às telas, uma vez que grande parte das pessoas que podiam permanecer em suas casas intensificaram o uso de celulares, notebooks e tablets para diversas atividades. Contudo, boa parte da população não pode praticar o isolamento social como prescrito pelos órgãos competentes, conforme advertem alguns estudiosos. Segundo o professor Fernando Seffner, “não mais de 2 meses após o início do distanciamento social, ficou evidente que alguns poderiam cuidar da saúde, permanecendo em casa, enquanto outros deveriam seguir girando a roda da economia e, dessa maneira, estavam expondo-se a riscos.” (SEFFNER, 2021, p.7)

Durante este período pandêmico eu estava desenvolvendo meus estudos na Graduação em História, na Universidade Federal de Uberlândia, e estabelecendo meus primeiros contatos com escolas na condição de futura docente. As questões de acesso às novas tecnologias, bem como suas potencialidades, permearam nossas preocupações e discussões ao longo da formação, sendo matéria de debates em salas de aulas e rodas de conversa com amigos, além de tema de muitas mesas de debates entre especialistas.

A pesquisa que resulta neste Trabalho de Conclusão de Curso nasceu como possibilidade enquanto eu cursava a componente curricular PROINTER I, em 2022. Nessa componente curricular tínhamos como proposta desenvolver atividades didático-pedagógicas junto às escolas públicas de Uberlândia, sendo escolha do meu grupo trabalhar com as mídias sociais no Ensino de História, especialmente pensando nas novas tecnologias no Ensino de História, com foco no uso do aparelho celular dentro da sala de aula.

Em contato com o ambiente da escola pública, surgiram diversos questionamentos acerca dos usos da tecnologia como meio pedagógico para a disciplina de História, tendo em vista que as NTIC's estão presentes no ambiente escolar e foram cruciais nas chamadas metodologias ativas, isto é, metodologias ativas que “dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor” (MORAN, 2017,p.41). Muito se falou, e tem se falado sobre como elas podem ser incluídas nos currículos, desde que as escolas e o corpo docente consigam perceber e trabalhar suas potencialidades.

O intuito desse artigo é, portanto, tematizar como tem se dado os usos dessas tecnologias em sala de aula, mais especificamente o uso do aparelho celular, após a pandemia

---

<sup>2</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus>

da Covid-19, buscando vislumbrar e entender possibilidades, limites e desafios dessa tecnologia para o ensino de História dentro da sala de aula. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, problematizo experiências que tive em atividades curriculares de estágio supervisionado durante a Graduação em História, na modalidade Licenciatura, na UFU, mais especificamente em um dos campos de estágios em que atuei, a Escola Estadual Segismundo Pereira, tendo como professora supervisora Jacqueline Aparecida Mendonça. Considerei em minha pesquisa vozes de diferentes sujeitos da escola e de pesquisadores que têm investigado sobre o tema. A partir das diferentes perspectivas sobre os usos das NTIC's, voltei-me para o ambiente escolar por meio do seu PPP (Plano Político Pedagógico), de anotações através de observação enquanto estagiária e um questionário feito junto a estudantes do ensino fundamental (9º ano) e médio (1º ano) da referida escola, além de experiências da professora supervisora.

No movimento deste artigo, inicialmente trago contribuições de pesquisadores que têm problematizado os usos da NTIC's em sala de aula, especialmente no Ensino de História. Na sequência, abordo como a escola tem lidado visto o uso dos celulares, ouvindo diferentes sujeitos. Por fim, na articulação com essas vozes, reflito brevemente sobre as possibilidades e desafios que consegui perceber, nos limites desta pesquisa, para o uso dos celulares em aulas de História na escola pública brasileira, na atualidade.

## **II- AS NTIC'S NO ENSINO DE HISTÓRIA E O VELHO DILEMA DAS DESIGUALDADES**

As autoras Aléxia Pádua Franco e Nilza Aparecida da Silva Oliveira (2021) acreditam que é imprescindível a discussão sobre NTICs na educação a partir de 2020, pós contexto de pandemia da Covid19. Uma das preocupações das autoras, que são historiadoras e professoras ligadas à Universidade Federal de Uberlândia, é entender como a tecnologia, um meio de manutenção da sociedade do capital, pode possibilitar a emancipação dos estudantes:

Considerando que as tecnologias digitais na sociedade capitalista contemporânea têm, majoritariamente, como propósito a manutenção da sociedade do capital, como estes poderiam mediar práticas de ensino de História comprometidas com a formação do cidadão crítico e consciente da necessidade da transformação das estruturas capitalistas na edificação de uma sociedade com mais dignidade para todos? (FRANCO, OLIVEIRA, 2021, p. 9)

É de suma importância pensar a utilização das tecnologias que estão dispostas aos estudantes de forma crítica, pois como as autoras apontam, a maioria dos sujeitos das classes subalternizadas não tem acesso aos benefícios oferecidos pela tecnologia. (Idem, 2021, p.9)

Na mesma vertente, Souza e Tamanini (2019), advertem que no debate acerca dos usos das tecnologias é imprescindível que não façamos uso instrumental, e sim uma dominação crítica das tecnologias para evitar que sejamos dominados por ela. O papel do professor nesse sentido “é o de, com o uso das tecnologias digitais, facilitar, coordenar e organizar situações de ensino que tornem o aluno protagonista na construção do conhecimento histórico.” (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.70)

No artigo “Mídias Digitais e Ensino de História: reflexões a partir de um projeto do PIBID no Mato Grosso do Sul (2020-2022)”, os autores Aline Vanessa Locastre, Carlos Monteiro Alves e Fabiana dos Santos (2023) defendem os usos das NTIC’s no ambiente escolar e acadêmico como meio pedagógico porque acreditam que escolas e universidades são ambientes de conectividade, e para além disso, são espaços que podem combater a desigualdade digital. Alunos vulneráveis socioeconomicamente, através de um ambiente educacional que conta com as NTIC’s, podem se inserir nessa cultura digital, ampliando seus conhecimentos e facilitando até mesmo suas pesquisas e estudos.

O trabalho “O uso do Smartphone em sala de aula na disciplina de História: desafios e possibilidades” dos autores Eleandro Viana da Rosa e Felipe Becker Nunes (2020), visa tratar dos desafios do ensino ao ter como possibilidade o uso das NTIC’s, principalmente ao *mobile learning*, que é o uso de eletrônicos móveis para fins educacionais. Os autores apontam como fragilidade do governo e desafio para o uso das NTIC’s, a formação continuada de professores da rede de ensino básico e as condições de acesso à internet nas escolas. Ao realizar pesquisa com diversos professores de história, os autores concluem que estes veem nas NTIC’s, possibilidades para o uso pedagógico, além disso, se mostraram interessados em uma formação continuada sobre as tecnologias e em conhecer como transformá-las em recursos pedagógicos.

Assim, considerando o exposto por esses autores e autoras, embora seja reconhecida a demanda de incorporação da NTIC’s no cotidiano da sala e haja disposição para incorporá-las, existem também muitos desafios, como as desigualdades econômicas e de acesso, a falta de estrutura das escolas, a falta de formação especializada dos e para os professores, além, é claro dos riscos de haver um uso acrítico, que desconsidere o próprio fetiche da tecnologia, como elemento essencial da cultura capitalista, que muitas vezes é usada não para conectar pessoas, mas para promover produtos, gerar consumo e continuar perpetuando desigualdades.

Contudo, para os defensores do uso das NTIC’s no ensino, é urgente a adaptação aos novos tempos e o reconhecimento que vivemos numa cultura digital.

(...) o professor de História não pode se aproximar de forma acrítica dos artefatos tecnológicos, mas precisa se preocupar com a formação autônoma, emancipatória e autoral do seu aluno, uma vez que este, imerso nessa cultura

digital, precisa, concebendo as tecnologias como elementos culturais, utilizá-las de modo crítico e reflexivo, tornando-se sujeito do seu entorno social, capaz de situar-se histórica, política e socialmente na sociedade contemporânea. (SOUZA e TAMANINI, 2019, p. 61)

No E-book *Ensino de História na contemporaneidade: tecnologias digitais, internet e inclusão digital* os autores refletem sobre ciberespaço e cibercultura e defendem um trabalho voltado para a compreensão da cultura digital em sala de aula, a fim de que, a partir dela, haja uma transformação do contexto em que o aluno vive. Eles afirmam que para articular a cultura digital com a sala de aula é preciso haver uma revisão de valores, fazeres, pensamento e prática, para que o aluno consiga se organizar e se apropriar qualitativa e criativamente dos artefatos culturais como produtores de conteúdo (SOUZA e TAMANINI, 2019).

Se a cultura digital é uma realidade, cabe indagar o papel de diferentes setores da população nessa nova realidade. Segundo o professor Fernando Seffner (2021), precisa-se reconhecer que o acesso às NTIC's é mais um dos indicadores sociais que precisam urgentemente ser tratados no Ensino de História, tendo em vista o acirramento das diferenças evidenciado e potencializado no contexto pandêmico.

A sociedade produz situações de alta desigualdade, que adentram os portões da escola e ali causam modos particulares de desigualdade educacional e, por vezes, são combatidas pela cultura escolar ou são aceitas como naturais. No entanto, não podemos esquecer que, na escola, também se produzem formas de desigualdade particulares, com reflexos na sociedade. Por outro lado, essas manifestações de desigualdade podem ser combatidas no ambiente escolar ou tornando-as não aceitas como algo natural. (SEFFNER, 2021, p. 06)

Coloca-se, portanto, a questão da democratização do acesso e do domínio das NTIC's. Assim, para os professores de história, uma das primeiras exigências é situar a cultura digital, bem como as NTIC's no contexto histórico de sua emergência e expansão. Não se trata, contudo, de limitar a questão à condição de tema ou objeto de uma aula, mas de tomá-la em sua dimensão histórica, portanto implicada em redes de tensões que lhe são inerentes.

Não podemos deixar de mencionar neste trabalho a importância de discutir acerca da democratização dessas Novas Tecnologias, pois sabemos o quanto esse debate se tornou relevante pós pandemia, tendo em vista as várias dificuldades de acesso dos alunos às aulas remotas. Não podemos defender ou contestar o uso da Internet e seus recursos sem considerar a falta de acesso de muitos alunos, principalmente aqueles de áreas mais distantes da Zona Urbana, como alguns autores apontam:

Veja-se unicamente o exemplo da educação. Para este setor, mesmo antes de

se falar em alta conexão (velocidade), o problema já era de acesso em si. Isso ficou rapidamente evidente na pandemia: milhares de estudantes, de periferias e zonas rurais, não tinham condições de acompanhar as aulas à distância durante o isolamento social. O resultado: um aprofundamento ainda maior do fosso da exclusão digital. (GONÇALVES; SHIMA, 2020, p. 129)

Para complementar, os autores ainda falam que na pandemia pudemos perceber quais foram as camadas da sociedade que puderam exercer suas atividades pela Internet (como trabalhar), tendo em vista que o trabalho das camadas economicamente mais desfavorecidas se dava nas ruas, seja vendendo, limpando ou transportando pessoas. As camadas mais favorecidas fizeram a migração do seu escritório na empresa para sua casa, sem ser prejudicada, podendo cumprir as orientações do Ministério da Saúde quando lançou a campanha “Fique em casa se puder”.

Contudo, é necessário reconhecer que muito antes da pandemia, com a popularização das NTIC's, no final do século XX, o Brasil e vários outros países começaram a pensar em políticas públicas a fim de amenizar a desigualdade digital. No nosso caso, foi criado o ProInfo em 1997, programa do MEC com a finalidade de incluir tecnologia nas escolas públicas. O programa enviou para as escolas diversas tecnologias, como laboratório de informática, projetores e computadores. (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.67). Já no ano de 2023, o Ministério da Educação apresentou o programa “Escolas Conectadas” que visa a garantia de conectividade e equipamentos (destinado ao uso pedagógico) para todas as escola públicas até o ano de 2026. Esse programa, na sua proposta, reconhece a necessidade de a escola se adaptar à contemporaneidade, considerando que todas as áreas da nossa vida e do nosso cotidiano têm sido cada vez mais modificado pela cultura digital e que “essa realidade impõe um desafio de democratização das relações sociais a partir da perspectiva da cidadania e da inclusão digital”<sup>3</sup>.

Sabemos os diversos benefícios que as NTIC's trazem ao nosso dia-a-dia, seja facilitando a comunicação entre indivíduos, o acesso à informação, a possibilidade de trabalhar, etc., e com todas essas vantagens, surge também a desigualdade neste âmbito, fazendo com que nem toda a população de um país esteja sendo beneficiada, fazendo com que surja a “exclusão digital, digital divide, gap digital, infoexclusão ou apartheid digital.” (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.66). Por isso, reconhecer as demandas de um país, considerando o amplo conjunto da população, é um aspecto da democracia, mais precisamente para a inclusão de camadas mais subalternas em um mundo contemporâneo.

Contudo, não basta apenas incentivar o consumo de equipamentos nas escolas ou de promover a compra periódica dos mesmos. O problema aqui vai esbarrar em outra questão crucial para a escola: como dar manutenção aos equipamentos? Com quais recursos? Há

---

<sup>3</sup> Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escolas-conectadas>

possibilidade de contratação de técnicos responsáveis por essa manutenção? Volta-se, assim, ao problema do investimento em mão-de-obra especializada, em qualificação e ampliação das equipes de trabalho nas escolas.

Para além dessa discussão, alguns autores alertam que não basta somente inserir programas de inclusão digital dentro das escolas, mas que se faz necessário também a inclusão dos estudantes, ou seja, não adianta uma escola ser munida de tecnologia sem que os professores não façam uso dessa e não pensem em uma metodologia voltada para os usos dos recursos tecnológicos nas suas aulas. Ao falar em metodologias voltadas ao uso das tecnologias, emerge a necessidade de falar da formação continuada ou até mesmo da necessidade de inserir no currículo da graduação disciplinas que preparem o professor para essa nova demanda nas escolas.

Enquanto não há um compromisso com a formação de professores, por parte dos governos e secretarias de educação, tem ficado a cargo do mesmo a iniciativa de lidar por conta própria com essas demandas.

Cabe a ele se adequar ao novo, ao virtual; buscar o imprevisível, desafios mais complexos para motivar o aluno, despertar seu interesse e torná-lo participante ativo do seu aprender. Para isso, a busca por formação continuada deve ser permanente, de modo a conhecer novas teorias e metodologias e, assim, adequar a forma de ensinar às demandas da cultura digital contemporânea. (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.68)

Os autores defendem o conceito de cidadania digital que é “a cidadania que se efetiva por meio de artefatos digitais” (Idem, p.76). Eles advogam que o professor é um dos responsáveis por ajudar a promover a cidadania digital dos estudantes. Aqui se evidencia mais uma questão importante sobre a qual devemos ponderar. Atualmente, a noção de cidadania está sempre sendo relacionada à inclusão digital. Defende-se que o estudante deve ser incluído para poder exercer sua cidadania dentro do espaço digital, podendo criar, compartilhar, opinar, obter conhecimento, informação, etc. Contudo, como fica a cidadania digital do professor, da professora? Quem a defende? Quem é responsável por promovê-la?

Assim, percebe-se que há muitas questões que ainda esbarram em velhos dilemas que há muito fazem parte do universo escolar brasileiro. O uso das NTIC's na escola esbarra em problemas estruturais, sociais e de posturas políticas diante da educação, reforçadas pela falta de investimento na educação pública e falta de cuidado com seus sujeitos, especialmente com os docentes.

Entre os recursos que compõem NTIC's, computadores, tablets e celulares foram os mais comentados durante a pandemia da Covid19, especialmente esse último, uma vez que é

objeto de uso pessoal, mais acessível e cuja manutenção compete ao seu proprietário. Contrariando o costume de ser apontado como o vilão da sala de aula, na pandemia ele passou a ser o objeto principal capaz de permitir a interação entre professores e estudantes.

Em uma matéria publicada pela Universidade Tiradentes feita com a professora Eunice Aparecida Borsetto (2023), do curso de Pedagogia EaD da Universidade Tiradentes (Unit EaD), chama atenção o título: *O uso do celular em sala de aula: vilão ou aliado?*. A professora Eunice defende o uso do celular na sala de aula, argumentando que talvez muitos professores tenham receio de utilizar porque não conhecem as metodologias ativas<sup>4</sup> e tenham pouco domínio sobre a sala de aula, ou até mesmo pela falta de recursos.

Esse argumento está alinhado com a compreensão de que na era digital as formas de aprender são outras, diferentes daquelas com as quais as gerações do século passado já estavam mais habituadas.

A complexidade do mundo contemporâneo e de seus problemas não suporta mais métodos ultrapassados, que concebem o conhecimento como algo fragmentado e pronto, incapazes, por isso mesmo, de motivar o interesse do aluno da geração digital. Ao incorporar estratégias mais ativas e interdisciplinares ao ensino de História, por meio da internet e dos diversos recursos por ela disponibilizados, o professor aproxima o saber escolar dos diversos saberes que permeiam o contexto de vida dos alunos, integrando-os, possibilitando, assim, a desconstrução e reconstrução crítica dos conhecimentos e acontecimentos históricos disseminados nos livros oficiais de História, promovendo, com isso, a formação integral, crítica e cidadã do aluno, o que o torna sujeito de seu próprio percurso histórico. (SOUZA e TAMANINI, 2019, p. 25-26)

Em contrapartida ao pensamento compartilhado por esses autores, em matéria do dia 26 de julho de 2023, o site UOL comenta sobre o relatório da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a respeito do monitoramento global da educação, em que são apontados vários impactos do uso de celulares e telas (no geral) nas escolas. De acordo com a matéria publicada, o documento defende que o celular pode gerar uma distração entre os estudantes, fazendo com que essas dispersões afetem a memória e a compreensão. Também alerta para que o uso excessivo não acabe ofuscando as interações humanas no ensino e na aprendizagem. O relatório ainda cita alguns exemplos de países que baniram o uso do celular em sala de aula para enfatizar a necessidade dessa regulamentação.

Diante dessas posturas contrárias, cabe a reflexão quanto ao uso das telas, ou mais especificamente do celular em sala de aula. Seria ele vilão ou aliado no processo de ensino

---

<sup>4</sup> Ressalto que o simples fato de utilizar o celular não garante um trabalho na perspectiva de uma metodologia ativa. O tipo de uso a ser proposto deve valorizar o protagonismo e incentivar a autonomia do estudante para que se configure como uma metodologia ativa.

aprendizagem?

Contudo, é inegável que durante a pandemia fomos todos condicionados a uma vida ainda mais virtual, fazendo com que esses hábitos fiquem após a pandemia, por isso, é relevante analisar como o uso do celular se dá dentro das salas de aula.

### **III- O USO DE CELULARES NA SALA DE AULA – BREVES APONTAMENTOS A PARTIR DO CASO DA E. E. SEGISMUNDO PEREIRA**

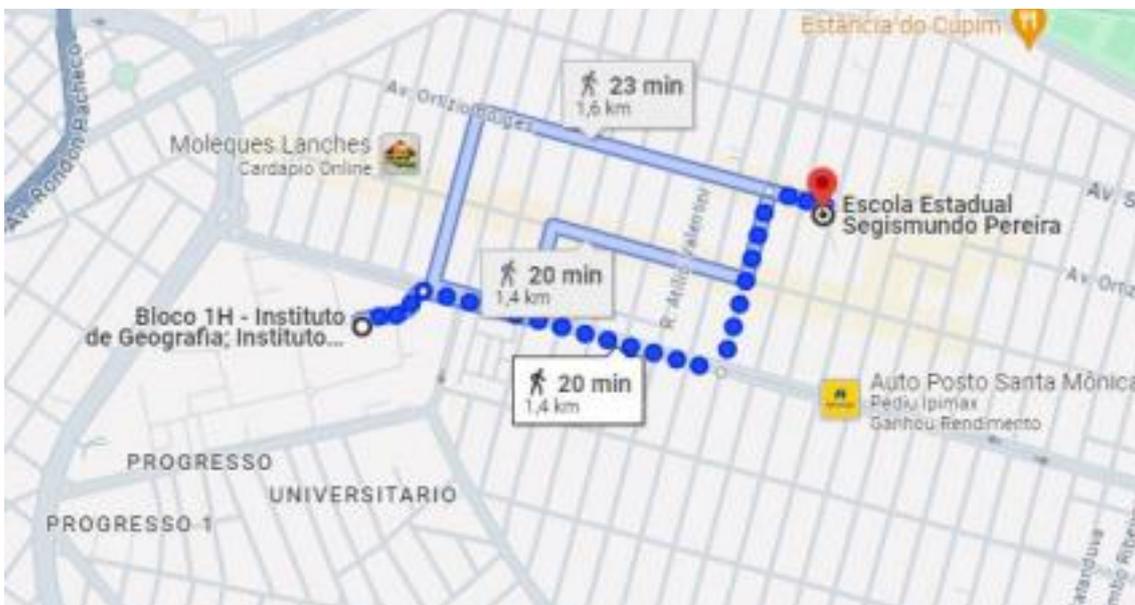
A Escola Estadual Segismundo Pereira fica localizada no Bairro Santa Mônica, na cidade de Uberlândia-MG. A partir de informações coletadas no Plano Político Pedagógico (PPP), versão de 2020, podemos observar que a escola conta com a modalidade de ensino regular com fundamental do 6º ao 9º ano, ensino médio do 1º ao 3º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos) do 1º ao 3º ano. Segundo o Censo escolar do ano de 2019, a escola possuía 1.508 alunos. (p. 6-7)

De acordo com o PPP (2020), “A escola tem uma ótima infraestrutura, contando com data-shows em todas as salas, sala de multiuso com ar condicionado, projetor e som, mesinhas nos pátios, que enriquecem as aulas, sala de informática, dentre outros” (p. 15).

Ao longo dos períodos letivos em que pude frequentar a Escola, tanto quanto realizava atividades da componente curricular Projetos Interdisciplinares (PROINTER), em 2022, quanto quando realizei Estágio Supervisionado III, em 2023, observei que a escola realmente porta uma ótima infraestrutura. Seus ambientes de socialização são amplos, com exceção da biblioteca, que é um pouco pequena para toda a demanda da escola. A sala de informática é um ambiente completo, contando com um ótimo número de computadores, a sala também possui data-show e computador próprio para o professor fazer projeção de slide.

Além da infraestrutura, foi possível perceber o diferencial do espaço que a escola ocupa na cidade. O bairro Santo Mônica está numa região central, mesmo bairro em que está localizada a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e sua população é composta por pessoas de classe média.

*Figura 1 - distância entre a UFU e a escola EESP*



*Fonte: captura de tela do Google maps*

No Plano Político Pedagógico é mencionado o poder aquisitivo dos habitantes do bairro e dos circunvizinhos, de onde vem uma grande parte de alunos. Situar a escola se faz necessário para que consigamos visualizar de uma forma mais clara a respeito da realidade dos alunos, das famílias, qual público essa escola atende e quais são as principais necessidades da mesma.

No que se refere aos usos das tecnologias dentro do PPP, pude observar que logo nas primeiras páginas do PPP o uso desenfreado do celular é criticado. Culpabiliza-se os pais dos alunos pelo uso exagerado das tecnologias pelos mesmos. A discussão sobre tecnologia na maioria das vezes está relacionada com o mau uso pelos alunos ou com a falta de preparo das famílias para auxiliar na educação dos filhos.

Percebe-se na escola uma clientela típica do mundo moderno, no qual os pais trabalham e, muitas vezes, não têm tempo para os filhos, que crescem sem noção de limites, usando a tecnologia de forma exagerada e sem direcionamento, deixando assim, em segundo plano, o foco na formação educacional e no crescimento pessoal. (PPP/E.E.SEGISMUNDO PEREIRA, 2020, p.15)

No tópico em que fala explicitamente sobre o uso das tecnologias e as problemáticas referente às famílias dos alunos, o PPP não traz nenhuma solução institucional para os problemas apresentados, mencionando apenas iniciativas pontuais: “Assim, a escola procura trabalhar projetos individuais e coletivos, visando sanar as defasagens observadas, no sentido de atingir o objetivo escolar, que é torná-los cidadãos de bem.” (Idem, p.16)

O PPP menciona a necessidade de se readaptar periodicamente para atender às necessidades do mundo contemporâneo e traz um problema que acredito ser a realidade de

muitas escolas, o fato da escola não conseguir acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, sabemos que essa questão se dá pelos diversos desafios impostos pela tecnologia como o acesso, a falta de formação continuada dos professores e até mesmo a falta de interesse a respeito dos usos das NTIC's.

Evidentemente, não existem respostas prontas para os novos desafios cotidianamente colocados no campo educacional de nenhuma ordem. Sobretudo na área de História, que conta com poucos estudos em relação à incorporação das tecnologias, é difícil fazer previsões ou afirmações taxativas, visto que esse debate é ainda incipiente. O que eu ousaria dizer, por ora, sem titubear, é que tal incorporação afeta tanto a cultura histórica como a cultura escolar, produzindo efeitos na configuração do conhecimento histórico ensinado na educação básica (COSTA, 2015, p.276)

Não se pode negar que o uso das NTIC's por vezes pode se chocar com um dos elementos mais tradicionais da cultura escolar que é o controle da disciplina, isto é, o controle das mentes e dos corpos dos estudantes. Em uma busca rápida pela palavra “Celular”, observei poucas passagens em que ela aparece no PPP, sendo referente ao uso inadequado dentro do ambiente escolar, no qual está caracterizado como elemento responsável por “casos de indisciplinas mais frequentes”.

Diante dessa pesquisa no Plano Político Pedagógico, podemos considerar que a escola não tem concebido o aparelho celular como meio pedagógico, fazendo menção somente à tecnologia de uma forma geral, sem considerar ou aprofundar suas potencialidades, mas ainda assim, não podemos negar a existência de professores que são adeptos das NTIC's, especialmente dos celulares, nessa escola.

Esse é o caso da professora Jacqueline Aparecida Mendonça, que supervisionou minhas atividades de estágio na escola. Ela é graduada em História (2003) e mestra em Educação (2008), ambos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, com pesquisa sobre a implantação do Novo Ensino Médio na escola pública. Jacqueline é professora na rede estadual com larga experiência profissional, atuando no Ensino Médio e Fundamental II na Escola Estadual Segismundo Pereira. Ela é, ainda, uma entusiasta do uso de NTIC's na sala de aula.

Quando elaborávamos as atividades de PROINTER, a professora Jacqueline foi convidada a participar de uma aula da professora Nara Rúbia de Carvalho Cunha, na UFU, para fazer uma leitura crítica de nossas propostas e nos orientar quanto a procedimentos mais adequados para o público interlocutor da educação básica, em recente readaptação pós-pandemia. Ao ouvir sobre o projeto do meu grupo, ela relatou algumas de suas experiências com a NTIC's e nos incentivou a trabalharmos com a plataforma *Padlet*, o que fizemos e foi

muito bem recebido pelos estudantes.

No artigo *Metodologias ativas e TDIC's: experiências no ensino remoto*, Jacqueline Aparecida Mendonça e os professores Guilherme Saramago de Oliveira e Lidia Andrade da Silva (2021) refletem sobre essas tecnologias a partir de experiências docentes por eles vividas no contexto pandêmico<sup>5</sup>. Os autores relatam atividades por eles desenvolvidas em turmas de oitavo e nono ano em duas escolas de Uberlândia- MG, sendo uma da rede particular de ensino e outra pública, respectivamente em 2020 e 2021. Essas experiências foram possibilitadas pelo uso de NTIC's em contexto pandêmico.

As metodologias ativas são caracterizadas por uma participação mais autônoma do estudante no processo de ensino-aprendizagem. Há várias modalidades de metodologias ativas, que envolvem sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas, pesquisa através de projetos, entre outras nas quais o uso de tecnologias é mais essencial, como a construção de *gameficação*<sup>6</sup>. Compreendendo o papel central assumido pelo estudante em quaisquer modalidades de metodologias ativas, os autores comentam sobre a necessidade de haver incentivo ao uso de novas tecnologias por parte dos professores.

Os desafios enfrentados pelos professores no contexto do ensino remoto forçado pela pandemia, foram diversos, dentre eles, os autores citam a dificuldade de acesso à internet. Além disso, destacam também a falta de preparo dos professores em lidar com a nova realidade de ensino, pois o conhecimento que alguns professores possuíam não era o necessário para lidar com as diversas plataformas necessárias para se comunicar com os alunos. Os autores também falam sobre como suas casas foram invadidas pelo trabalho escolar, pois ao longo do dia foram diversas mensagens no WhatsApp, lives, reuniões, cursos emergenciais sobre as ferramentas, etc. Por fim, citam a dolorosa ausência dos estudantes nas salas de aula, o silêncio e a câmera desligada foi algo que nitidamente incomodou os professores.

A plataforma escolhida pelos professores para relatar suas experiências no artigo foi o Padlet, uma plataforma interativa que permite a mudança de layouts, onde os alunos podem escrever, publicar imagens, sons, vídeos, etc. e ao mesmo tempo tomar conhecimento das produções feitas pelos colegas.

---

<sup>5</sup> Os autores do texto advertem que “há autores que utilizam o termo Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação (TDICs) para se referir às tecnologias digitais conectadas a uma rede e outros que nomeiam as TDICs a partir da convergência de várias tecnologias digitais como: vídeos, softwares, aplicativos, smartphones, imagens, console, jogos virtuais, que se unem para compor novas tecnologias. Optamos por usar o termo TDIC'S compreendendo que trata-se de diferentes recursos digitais nos quais os sujeitos interligados por uma rede, se comunicam e interagem no ambiente virtual.” (OLIVEIRA, MENDONÇA, SILVA, 2021, p.150)

<sup>6</sup> A respeito da discussão sobre *gameficação* e Ensino de História, consultar: COSTA, Marcela Albaine Freitas da Costa. *Ensino de história e games: dimensões práticas em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2017.

Esta ferramenta oportunizou a colaboração dos grupos remotos de forma que os estudantes pudessem contribuir com a construção do seu conhecimento e ao mesmo tempo estimular neles a curiosidade, a participação, a aprendizagem através da realização de pesquisas, diálogos, investigação de novas práticas. (OLIVEIRA, MENDONÇA, SILVA, 2021, p.151)

Os autores apresentam como se deu o uso da plataforma durante as aulas e fazem um apanhado das vantagens e desvantagens da metodologia adotada. Como vantagens perceberam que a plataforma ajuda na comunicação entre estudantes e professor; permite uma construção coletiva e disponibiliza várias formas de interações. As desvantagens ficaram mais circunscritas à configuração da própria plataforma, como a limitação da quantidade de murais ou a dificuldade de *login* na mesma. (OLIVEIRA; MENDONÇA; SILVA, 2021)

Em minhas observações de estágio eu pude presenciar o trabalho da professora Jacqueline com as novas tecnologias, seu incentivo ao uso dos celulares na sala de aula.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, além da observação feita e do estudo sobre usos de NTIC's em sala de aula, considerando suas problemáticas e potencialidades, também quis ouvir o que os estudantes tinham a dizer a respeito da questão. Assim, elaborei um formulário com perguntas para os estudantes das turmas que estava acompanhando no estágio supervisionado, com o propósito de tentar compreender suas visões acerca do uso do celular como mediador do processo de ensino-aprendizagem.

O questionário foi aplicado em 5 (cinco) salas no período vespertino. Duas eram do primeiro ano do Ensino Médio e três do nono ano do Ensino Fundamental II. Nas duas salas de primeiro ano estavam presentes 46 alunos, desse total foi constatado apenas um aluno sem o aparelho celular. Nas três salas de 9º ano o total de alunos era 86 e foi observado que 14 alunos estavam sem o celular. Dos alunos que estavam sem celular, os motivos era que o celular ou estava em casa ou que estava sem bateria, ou seja, resumidamente quase 100% dos alunos afirmaram possuir aparelho celular, mesmo que não o levem para a escola.

Obtive um bom número de respostas ao questionário formulário, um total de 97. Observei que 20 vinte alunos não responderam à pesquisa mesmo que estivessem com o celular na sala, os motivos podem ser diversos, como dificuldade de acesso à internet ou a escolha por não participar da pesquisa, preferindo não responder o questionário, já que a pesquisa era de cunho totalmente voluntário.

Além de nome (por motivos de privacidade dos estudantes não será revelado), idade e sexo, o formulário foi composto por um total de 8 (oito) perguntas, sendo uma discursiva para que citassem exemplos do que são meios tecnológicos 6 (seis) de múltipla escolha e uma delas

que se desdobrava em outra discursiva<sup>7</sup>.

Como já mencionado, iremos visualizar o questionário a partir de um total de 97 respostas. Contudo, é importante ressaltar que as não respostas também são relevantes, uma vez que se consideram os múltiplos eventos que podem ocorrer acerca do uso do celular em sala de aula, como a falta de aparelho, a falta de acesso, situações a que docentes e discentes estão sujeitos, uma vez que a decisão de utilizar tem se baseado em iniciativas individuais, ao invés de uma política institucional, em nível local ou nacional.

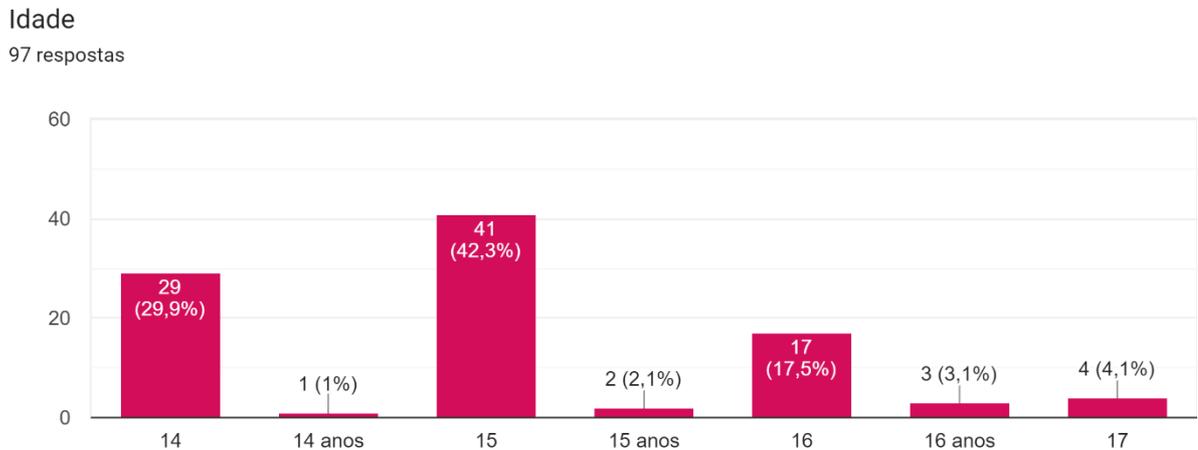
A realização do questionário com os discentes da Escola Estadual Segismundo Pereira nos faz ter uma visão mais ampla e aprofundada do que estamos discutindo ao longo deste trabalho, por esse motivo iremos mobilizar as respostas dos alunos em gráficos mobilizando as bibliografias já citadas para complemento das nossas discussões.

Tendo em vista que trabalhamos com dois públicos diferentes que é o ensino fundamental II e o ensino médio, obtivemos quatro tipos de resposta ao questionar sobre a idade dos estudantes.

---

<sup>7</sup> Para realização da pesquisa, foi adotado o *Forms*, uma das demais funcionalidades do Google Drive. As questões inseridas foram: 1- Nome, 2- Idade, 3- Sexo, 4- Dê três exemplos do que você considera como meios tecnológicos que são importantes para o ensino aprendizagem na escola, 5- Como você se sentiria se não pudesse levar o celular para o ambiente escolar? (bem, mal, tanto faz) 6- Compare o seu uso do celular nos períodos antes e depois da pandemia (Covid-19). Você considera o tempo que você usa o celular agora é (Menor após a pandemia, igual a antes da pandemia, maior após a pandemia), 7- Para que você costuma utilizar o celular no seu dia a dia? (deixar várias opções de usos do celular no dia a dia) 8- Com que frequência seu (a) professor (a) de História utiliza o celular como recurso didático em sala? (nunca, algumas vezes, sempre) 9- Em horários de aula, você costuma utilizar o celular por motivos que não tenha relação com a escola ou a aula? (sim, não, algumas vezes) 10- Você acha que o celular pode ser utilizado como recurso didático ou um facilitador do processo de ensino-aprendizagem? (sim, não) 11- Explique sua resposta da pergunta acima.

Figura 2 – Gráfico sobre a idade dos estudantes



Fonte: produzido pela autora (2023)

As respostas dos alunos podem confundir em relação aos números, pois, como podemos visualizar no gráfico acima, alguns especificaram que a resposta se tratava da idade, respondendo “anos” em seguida do número, por esse motivo, o gráfico entende que são duas respostas diferentes. Pra um melhor entendimento do gráfico, simplifico as respostas: 31% é referente aos alunos de 14 anos, 44% são estudantes os de 15 anos, 21% são os alunos de 16 anos e apenas 4% de alunos têm 17 anos.

Já em relação ao sexo, com as opções de resposta entre “Feminino”, “Masculino” e “Não quero responder” respectivamente, 53,6% selecionaram a primeira opção, 45,4% a segunda e apenas 1% a terceira alternativa.

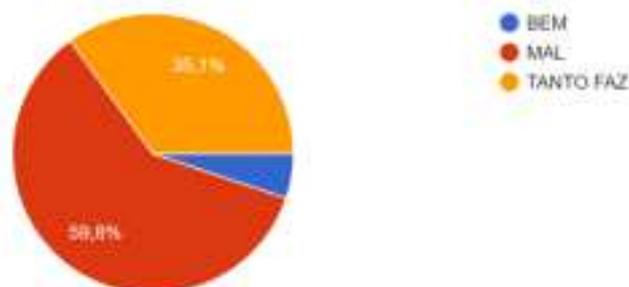
Avançando nas perguntas do questionário, a próxima foi uma questão discursiva, onde os alunos teriam que citar três exemplos de meios tecnológicos importantes para o processo de ensino-aprendizagem. O objetivo da pergunta era observar qual a familiaridade dos estudantes com a NTIC's. Os alunos, em sua maioria, acabam citando apenas o notebook, o data-show e/ou o celular.

O próximo gráfico que iremos trabalhar fala sobre como o aluno pode se sentir com a possibilidade de não poder levar o celular para o ambiente escolar. Como podemos visualizar abaixo, as alternativas se limitam em três, sendo elas “Bem”, “Mal” ou “Tanto faz”.

Figura 3 – Gráfico sobre a permissão do celular no ambiente escolar

Como você se sentiria se não pudesse levar o celular para o ambiente escolar?

97 respostas



*Fonte: produzido pela autora (2023)*

Das respostas acima, apenas 5,2% dos alunos (sendo eles a minoria), responderam que se sentiriam bem com a possibilidade de não ser possível levar o celular para a escola. Sabemos que esse gráfico está limitado a um número específico de alunos, mas a sociedade em geral tem uma grande dificuldade de sair de casa sem o aparelho celular. Em uma busca rápida no *Google* sobre o desconforto da população brasileira ao sair de casa sem o celular, encontrei algumas matérias sobre um levantamento feito por esse *site* em 2021, onde verificaram que um percentual de 73% dos brasileiros não sai de casa sem o aparelho móvel.

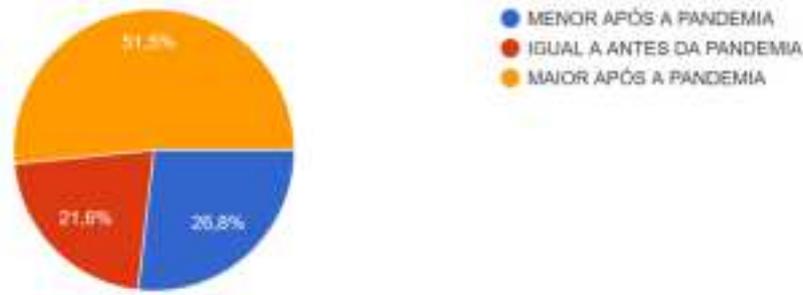
Com os dados acima compreendemos que o aparelho celular está cada vez mais presente na nossa rotina, por esse motivo, urge a necessidade de professores e escolas em geral pensarem nas apropriações do aparelho, ficando evidente que “o professor de História não pode se aproximar de forma acrítica dos artefatos tecnológicos, mas precisa se preocupar com a formação autônoma, emancipatória e autoral do seu aluno” (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.61)

O gráfico abaixo representa o uso do celular após a pandemia da Covid-19 pelos alunos. Limitada a três alternativas, a pergunta tinha como objetivo compreender se ocorreu alguma alteração em relação ao uso do aparelho após a pandemia.

*Figura 4 – Gráfico sobre os usos do celular antes, durante e após a pandemia (Covid-19)*

Compare o seu uso do celular nos períodos antes e depois da pandemia (Covid-19). Você considera o tempo que você usa o celular agora é:

97 respostas



*Fonte: produzido pela autora (2023)*

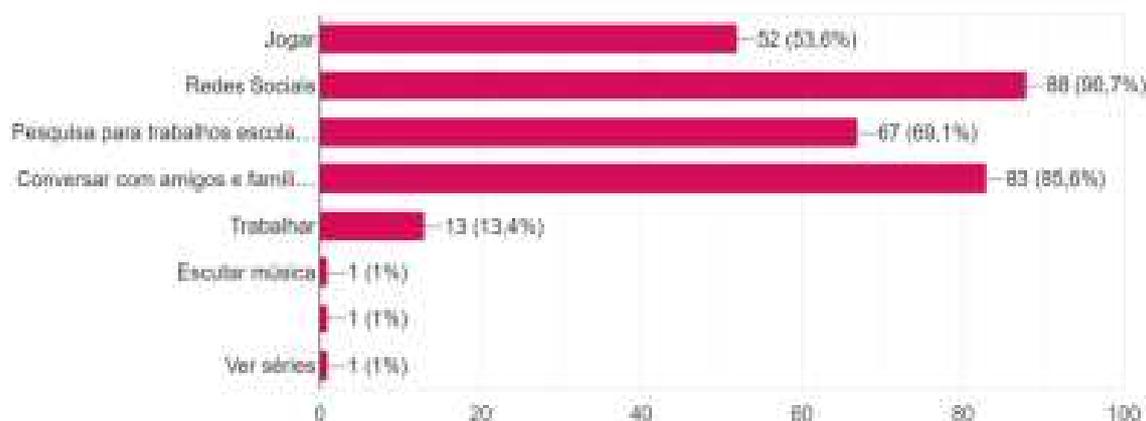
De acordo com as respostas dos pesquisados, podemos perceber que o número de pessoas que assinalaram a alternativa “Maior após a pandemia” é bastante significativo, totalizando 51,5% dos 97 estudantes. Com os dados do gráfico, percebemos que mesmo após o contexto da pandemia ainda há uma grande necessidade do uso do celular, ou seja, muitas pessoas não conseguiram se desvincular da rotina criada na pandemia, tendo em vista o que já foi apontado nesse trabalho, em relação às necessidades dos usos das tecnologias como um todo no contexto pandêmico.

O campo de pesquisa em relação aos usos do aparelho celular após a pandemia ainda é muito incipiente, o que pode limitar nossa discussão acerca do assunto. Mas pesquisas sobre esse tema têm se tornado imprescindíveis, visto que cada dia mais nossa sociedade caminha para o tecnicismo a fim da facilidade e imediatismo, fazendo com que ocorra o que as autoras FRANCO e OLIVEIRA (2021) chamam de “uso irrefletido da tecnologia” que acaba por corroborar com uma ausência de uma perspectiva acerca do propósito das tecnologias. (p.5)

*Figura 5 – Gráfico sobre os vários usos do celular no dia a dia*

### Para que você costuma utilizar o celular no seu dia a dia?

97 respostas



Fonte: produzido pela autora (2023)

A fim de compreender as utilidades do aparelho celular no dia a dia dos estudantes, foi elaborado o gráfico acima. Na questão realizada era possível selecionar mais de uma das opções dadas como resposta. Como representado no gráfico, percebemos que os maiores números são referentes às “redes sociais”, seguido por “conversar com amigos e familiares” e em terceiro lugar está a opção “pesquisa para trabalhos escolares”. Cabe refletir sobre os usos dessa ferramenta, principalmente para pesquisas escolares: seriam atividades que podem ser consideradas como promotoras da autonomia dos estudantes ou apenas um instrumento de busca de respostas prontas, sem muitas vezes questionar a veracidade ou confiabilidade das informações obtidas?

Prado (2021) reflete sobre as novas formas de comunicação proporcionadas pelas redes sociais, afirmando que elas “redimensionaram a velocidade de propagação e o alcance das notícias falsas nesta era da internet. Sobretudo nos últimos anos, as notícias falsas ou as fake News” (PRADO, 2021, p.22). A preocupação em torno desse tema tem se tornado cada dia maior, pois as informações que são obtidas pelos alunos através das redes sociais ou por mecanismos de busca como o *Google* nem sempre contém veracidade ou se aprofunda em uma discussão crítica do tema de pesquisa, por esse motivo se faz necessário ainda mais a apropriação de professores de História dos meios digitais, como aborda os autores SOUZA e TAMANINI (2019), tendo em vista que no contexto escolar eles assumem o papel de mediadores da construção do conhecimento.

Os jovens da geração Z têm um domínio das tecnologias, em regra, mais

avançado do que aquele apresentado pelos professores. No entanto, esse domínio é, quase sempre, apenas técnico. As tecnologias, especialmente a rede, possibilitam ao aluno o acesso à informação, cabendo ao professor de História promover situações que o ajudem a, de modo autônomo, crítico e reflexivo, transformar essas informações em conhecimento útil para a sua vida, vinculando um passado remoto com os acontecimentos do seu contexto presente, de modo a transformá-lo. (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.69)

No caso da disciplina escolar História, a preocupação com as Fake News é essencial, visto que temos vivido um período de avanço de negacionismos em relação à ciência e ao conhecimento produzido por especialistas. A crescente onda conservadora a que adere parcela considerável da sociedade reforça atividades de controle sobre o que é produzido na academia e nas escolas, sendo os professores de História, entre outras humanidades, os mais perseguidos por movimentos que procuram reconhecer o controle do passado como essencial para controlar o presente. São diversos os textos nos quais os especialistas têm alertado para os usos e abusos do passado por movimentos políticos de extrema direita, conservadores, com intenção de negar o que se produz em centros de pesquisa qualificados. E muitos dos grupos que apoiam e se apoiam nesse tipo de pensamento negacionista têm condições financeiras para promover suas versões no meio digital, como é o caso da empresa Brasil Paralelo<sup>8</sup>. Como aponta o historiador Arthur Lima de Avila (2021) sobre a empresa: “tudo que não se insere em sua imaginação sobre o “povo brasileiro” é descartado de antemão como “subversivo”, “ideológico” ou, em situações extremas, inumano.” (p.174). São preocupantes as narrativas disseminadas pelo Brasil Paralelo no meio digital em busca de recuperar uma nacionalidade brasileira

o arco narrativo proposto pelo Brasil Paralelo reitera a uma parcela substantiva da população brasileira sua condição de permanentemente “sem-parte” na divisão de nossa história. Sua exclusão é o preço que devemos pagar, deduz-se pelas obras da produtora, para que possamos “resgatar” o orgulho nacional. (Idem, p. 168-169)

Outra preocupação que assola o ambiente educacional é o uso não pedagógico do celular em sala de aula. Durante o período de observação do Estágio, foi possível observar que em momentos de atividades em grupo ou individual, os alunos estavam muitas vezes adiando a conclusão da atividade para jogar no celular, esse caso se repetiu várias vezes nas salas de 9º ano durante a aplicação do Plano de Recomposição das Aprendizagens (PRA), uma sequência de atividades implantadas pelo governo referente ao período da pandemia, o objetivo

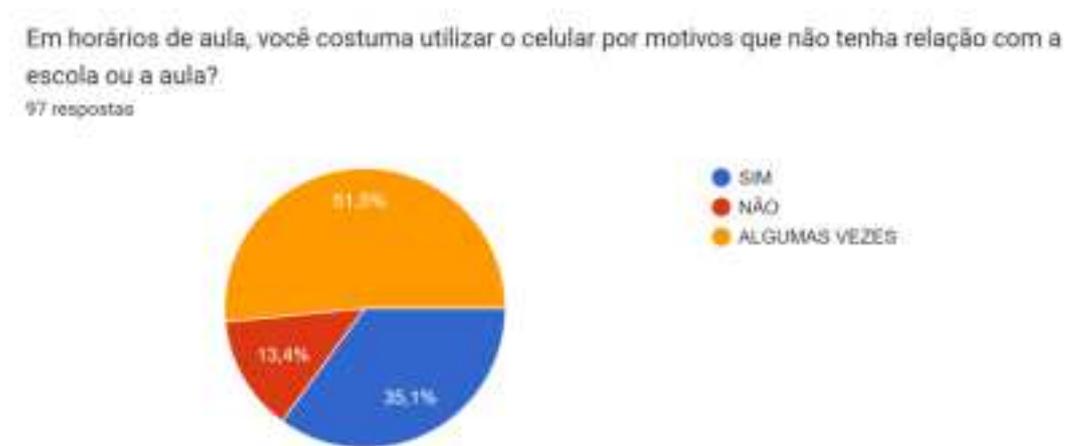
---

<sup>8</sup> A manipulação da verdade executada pela empresa tem a intenção, primeiramente, de deslegitimar os trabalhos históricos produzidos nas universidades e, também, a atuação educativa dos/as professores/as do ensino básico, dado que estariam corrompidos pelo chamado marxismo cultural. Fonte: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/brasil-paralelo-modos-manipulacao-verdade/>

das atividades era a recuperação de temas e “o esperado é o desenvolvimento das habilidades e competências não trabalhadas ao longo dos dois últimos anos pelo impacto da pandemia”, como explica a superintendente de Políticas Pedagógicas da SEE/MG, Graziela Trindade (2023) em uma matéria publicada pela Agência Minas.<sup>9</sup>

No próximo gráfico as respostas dos estudantes corroboram o que foi observado na rotina das aulas.

*Figura 6 – Gráfico sobre a utilização do celular em horários de aula*



*Fonte: produzido pela autora (2023)*

Como expressei acima, a quantidade de alunos que utilizam o celular em sala de aula para fins não pedagógicos é bastante significativa, considerando que o número de alunos que dizem não utilizar é o total de 13,4% apenas. A professora Eunice Aparecida Borsetto (2023), em relação ao uso do celular em sala de aula, defende o uso pedagógico e ressalta a importância de estabelecer regras em comum acordo com os alunos porque haverá momentos em que poderão utilizar o celular e momentos que não poderão, chamando atenção também para a importância do controle ou conscientização sobre o seu uso.

Diante disso, podemos reconhecer que, por vezes, o uso do celular na sala de aula, para fins não pedagógicos, pode dispersar o foco da aula, ao mesmo tempo em que pode haver o risco de estar consumindo conteúdo não confiável.

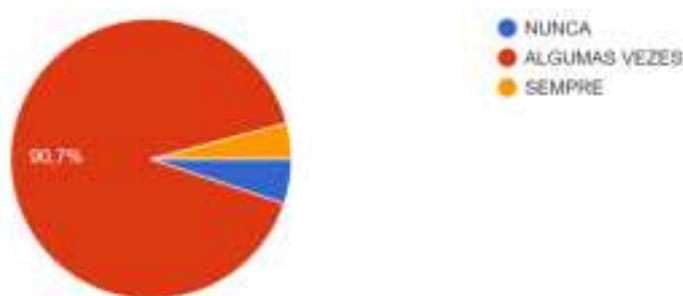
Como já foi mencionado neste artigo, a professora supervisora do estágio é adepta do uso das TDIC, mais especificamente do celular em sala de aula para o uso pedagógico, podemos observar de acordo com as respostas dos alunos na figura 6 que a professora faz uso do celular periodicamente, e dentro do que foi observado nas aulas, no momento das aulas expositivas a

<sup>9</sup> Fonte: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/governo-impulsiona-plano-de-recomposicao-das-aprendizagens-em-escolas-de-todo-o-estado>

professora não permite que o aluno se disperse da aula por estar utilizando o celular, o que pode ser motivo de repreensão. Percebe-se que há uma tentativa de colocar limites ou controlar o uso dos celulares em sala de aula.

*Figura 7 – Gráfico sobre a utilização do celular como recuso da aula pelo professor*

Com que frequência seu (a) professor (a) de História utiliza o celular como recurso didático em sala?  
97 respostas



*Fonte: produzido pela autora (2023)*

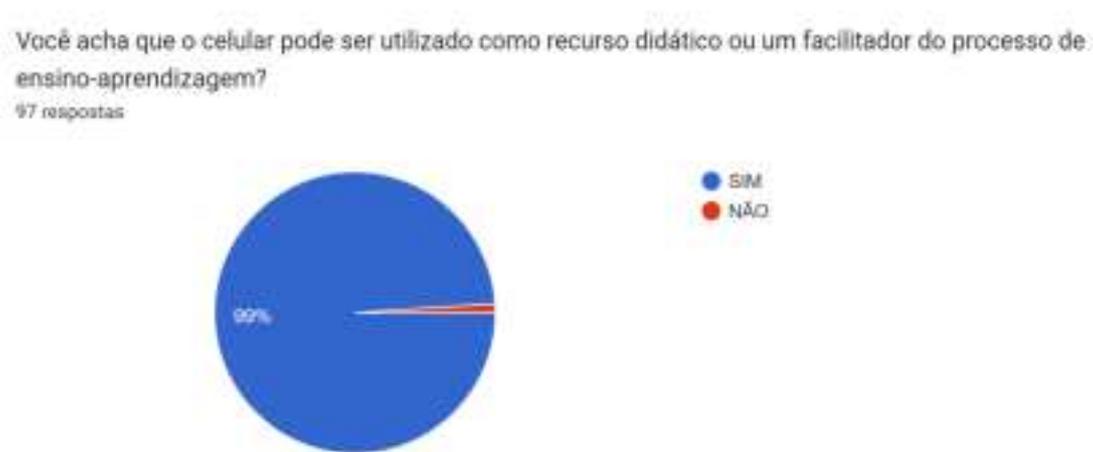
Do total de alunos pesquisados, apenas 5 alunos escolheram a alternativa “Nunca”. Mesmo sendo uma minoria, essa resposta destoava do que pude observar durante minha presença na escola. Os demais dados da figura acima comprovam o que foi falado no artigo em relação à professora Jacqueline sobre seus usos do celular em sala. A professora ao optar por fazer uso do celular rompe com a lógica ultrapassada de que as NTIC’s não são relevantes no processo de ensino-aprendizagem.

Ao incorporar estratégias mais ativas e interdisciplinares ao ensino de História, por meio da internet e dos diversos recursos por ela disponibilizados, o professor aproxima o saber escolar dos diversos saberes que permeiam o contexto de vida dos alunos, integrando-os, possibilitando, assim, a desconstrução e reconstrução crítica dos conhecimentos e acontecimentos históricos disseminados nos livros oficiais de História, promovendo, com isso, a formação integral, crítica e cidadã do aluno, o que o torna sujeito de seu próprio percurso histórico.(SOUZA; TAMANINI, p.25)

Para enriquecer essa pesquisa, buscamos conhecer um pouco mais sobre opinião dos alunos, questionando sobre o que eles acham da utilização da tecnologia nas aulas, principalmente a respeito do uso do celular como um recurso didático no processo de ensino-aprendizagem.

O gráfico foi gerado a partir das respostas dos estudantes acerca do assunto. A pergunta foi dividida em duas etapas, a primeira objetiva e a segunda de caráter discursivo.

*Figura 8- Gráfico sobre a opinião dos alunos em relação aos usos do celular como recurso didático*



*Fonte: produzido pela autora (2023)*

A figura acima de caráter objetivo representa a opinião dos alunos sobre a utilização do celular em sala de aula como um recurso didático mediador do processo de ensino aprendizagem. Como podemos visualizar, 99% dos alunos responderam “Sim”, o celular pode exercer tal função. Ao aderir o celular como um recurso didático, os alunos acabam enfatizando a necessidade de readaptação dos professores e das escolas em relação aos usos do aparelho celular e da tecnologia, pois “Essas novas abordagens no ensino conduzem à autonomia e protagonismo do aluno, objetivos de uma escola digital e socialmente incluída.” (SOUZA; TAMANINI, 2019, p.87)

Com o forte crescimento no número de alunos que possuem aparelho celular e acesso à internet, fica bastante evidente a necessidade de repensar alguns métodos educativos, pois segundo o autor Leonardo Lehmann Concentino (2021),

As dinâmicas dentro de aula são completamente afetadas pelas experiências de vida dos alunos, e o ensino deve acompanhar as curvas do rumo do mundo. Entender os novos mecanismos de conduta e funcionamento que as redes impõem aos usuários, principalmente jovens, é urgente para a adequação da educação e do ensino de história na atualidade. (p.40)

Trabalhar com essas novas metodologias também permite com que o aluno crie experiências significativas dentro do ambiente escolar, passando a visualizar o aparelho não só

como um objeto voltado ao entretenimento, mas também enxergar as diversas possibilidades pedagógicas. Sobre os usos das NTIC's nas aulas de História, os autores Souza e Tamanini (2019) falam que as tecnologias estimulam a “participação, colaboração, autonomia, criticidade, criatividade e autoria”, além de promover a relação entre o aluno e o professor. (p.31)

Em busca de uma melhor compreensão acerca dos benefícios ou nocividade do uso do celular em sala, foi pedido aos alunos que justificassem a resposta dada para a pergunta “Você acha que o celular pode ser utilizado como recurso didático ou um facilitador do processo de ensino-aprendizagem?” As respostas foram diversas, mas muitos justificam afirmando que o aparelho facilita a pesquisa ou a aprendizagem. Outras defendem que o celular serve para pesquisa quando os alunos não compreendem muito bem o conteúdo lecionado pelo professor. Algumas respostas são idênticas, o que despertou minha curiosidade, tendo em vista que é uma resposta discursiva individual. Notei, então, que alguns estudantes não deram uma resposta com suas próprias palavras, preferindo copiar algo que encontraram pronto na internet. Isso não quer dizer que não seja uma visão que se aproxima da sua, mas traz indícios de uma renúncia às suas próprias palavras, o que me deixou reflexiva, embora eu ainda não tenha chegado a nenhuma conclusão a respeito.

Algumas respostas chamam atenção por irem além de um comentário sucinto, explorando as potencialidades e até mesmo as justificativas para a negativa das escolas em não permitir tal uso.

Pode facilitar muito , mais a escola as vezes impede tal uso , e hoje em dia a maioria dos adolescentes estão muito distraídos pelas redes sociais por isso , tal uso não pode ser realizado , como o benefício para os estudos. (L.M, 16 anos, estudante de 1º ano, 2023)

Hoje a Internet influencia muito de forma positiva para o aprendizado, mas muitos alunos ainda usam esse meio para simplesmente pegar a resposta e não pensam que no futuro podem precisar daquele aprendizado. Mas acredito que sim, a Internet pode ajudar bastante para o ensino, e se pensarem em uma estratégia boa, tenho certeza que os estudantes vão acatar positivamente. (G.L, 15 anos, estudante de 9º ano, 2023)

Através das respostas, os alunos deixam claro que entendem as potencialidades do celular, mas que também compreendem que pode ser utilizado sem criticidade por parte dos alunos, fazendo com que a escola acabe proibindo o uso. O uso crítico do celular se faz necessário dentro do ambiente escolar não só pelo professor, mas que esse também possa enfatizar em seu ofício a necessidade de se pensar nas potencialidades do celular, criando estratégias para amenizar o uso acrítico pelos alunos.

Nas respostas abaixo, os alunos focam mais nas potencialidades do celular como estratégias para facilitar a relação com o conteúdo, criando alternativas para não deixar de “participar” da aula porque não conseguiu comparecer:

Na minha opinião sim, pois temos o Classroom para o caso do aluno não comparecer na aula ele pode ter acesso as atividades em casa, o Google juntamente da internet ajuda com pesquisas, dúvidas e outros fins, os professores também podem fazer slides, atividades interativas e divertidas para o ensino. (A.M, 14 anos, estudante de 9º, 2023)

O celular disponibiliza muitas informações, de diversas fontes diferentes, além de imagens. Podendo entregar um conteúdo mais completo do que os livros didáticos, que querendo ou não são limitados. E so ensinam o que o governo quer. (F.R, 15 anos, estudante de 9º ano, 2023)

Percebe-se que os estudantes estão mais familiarizados com o uso da NTIC's, talvez bem mais do que alguns professores, pois já nasceram em um mundo tecnológico, desafiando a comunidade escolar a pensar em estratégias para utilizar as tecnologias em benefício da relação professor-aluno e da produção de conhecimentos. Como podemos observar nas respostas acima, os discentes conseguem enxergar formas de trabalhar com as tecnologias digitais a favor do ensino-aprendizagem. Contudo, nem sempre eles demonstram muita criticidade em relação aos processos de produção de conhecimento, especialmente no que tange à disciplina História. Afinal, é arriscado compreender os recursos tecnológicos enquanto repositórios de conteúdos que podem ser acessados quando o professor ou o estudante não vai à aula. Até que ponto uma afirmação assim não está evidenciando a construção de um imaginário social em relação à figura docente que a caracteriza como algo dispensável?

Nesse sentido, cabe refletir sobre os sentidos do Ensino de História, especialmente desde o processo de reabertura política no Brasil, quando professores e pesquisadores se uniram em movimento que questionava a história tradicional, baseada na linearidade do tempo cronológico, centrada no conteúdo factual em perspectiva eurocêntrica e excludente, promotora de uma memória patriarcal e apagadora de diversas experiências. (SILVA e FONSECA, 2010).

Diversos estudos têm apontado o quanto os sentidos do Ensino de História se modificaram para se adequar às demandas de uma sociedade democrática e reforçá-la. O autor Christian Laville (1999) aponta essas mudanças no ensino de História a partir do fim da Segunda Guerra Mundial.

Grosso modo, dali em diante era preciso tornar os jovens capazes de participar democraticamente da sociedade e desenvolver neles as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para tal. Os conteúdos fatuais passavam a ser menos determinados de antemão, menos exclusivos, abrindo-se à variedade e ao relativo. Contudo, o mais importante é que, como o desenvolvimento das capacidades se dá com a prática, a pedagogia da história

passava de uma pedagogia centrada no ensino para uma pedagogia centrada nas aprendizagens dos alunos. (Idem, p.126-127)

Como o autor ainda fala em seu texto, o ensino de História não perde nada com essas mudanças, muito pelo contrário, pois, nesse sentido a educação busca atender as necessidades de uma sociedade democrática, rompendo com que o autor chama de “função de instrução nacional” (p.126)

Ainda sobre as respostas dos estudantes, destacadas anteriormente, chama atenção a desconfiança do estudante em relação ao que é veiculado nos livros didáticos, como se fossem apenas informações para beneficiar os governos. Mesmo desconsiderando o processo de avaliação pelo qual passam esses materiais, principalmente porque sabemos que pode haver sim mecanismos de controle sobre o conteúdo dos mesmos, é importante atentar para o fato de que o ambiente virtual não é isento de manipulações. Justamente por isso, para percorrê-lo é necessário instrução. Por isso é importante que a escola possa mediar essa relação.

Como já apontei anteriormente, ao mesmo tempo em que recebemos respostas de alunos que têm consciência sobre os diversos usos e potencialidades do celular, também recebemos respostas que foram retiradas da internet para responder uma pergunta de caráter pessoal, onde o objetivo era investigar como os alunos enxergam essas tecnologias digitais no ensino.

O uso dos celulares pelos alunos favorece sua aprendizagem permitindo práticas, dinâmicas e atividades que seriam inviáveis sem eles. Além disso, o uso dos celulares melhora a produtividade da aula permitindo ganhos de tempo e qualidade da aprendizagem. (B.L, 15 anos, estudante de 9º ano, 2023)

Sim, o celular pode ser um recurso didático e facilitador do processo de ensino aprendizagem. Com aplicativos educacionais, acesso à internet e funcionalidades interativas, os celulares permitem que os alunos acessem uma variedade de recursos educacionais, colaborando na pesquisa, comunicação e aprendizado prático. No entanto, é essencial equilibrar o uso para evitar distrações e garantir que seja integrado de maneira eficaz no ambiente educacional. (A.A, 15 anos, estudante de 1º ano, 2023)

Questiono se a busca por respostas prontas não podem expressar o uso irrefletido da tecnologia, como afirmam Franco e Oliveira (2021) quando dizem que

O uso irrefletido da tecnologia corrobora para a ausência de uma perspectiva condutiva do propósito das tecnologias para a vida humana em sociedade e reafirma a tecnologia enquanto ferramenta produtiva do capitalismo que agiliza a produção e com isso a acumulação do capital. (FRANCO e OLIVEIRA, 2021, p.5-6)

Como vimos acima, algumas respostas dos alunos alertam em relação a esse uso irrefletido do aparelho celular por parte dos próprios estudantes e muitas vezes a consequência

dessa prática é a proibição do uso por parte da escola ou até mesmo acaba desestimulando o professor a propor alguma atividade com o celular. Podemos pensar a respeito da nocividade do celular, e como podemos observar, ao ter fácil acesso, os alunos muitas vezes preferem pesquisar uma resposta do que pensar nos seus próprios argumentos, gerando respostas genéricas, sem originalidade.

Podemos considerar ainda o costume de buscar a resposta correta, que será aceita por quem vai “corrigir” a atividade. Isso pode acontecer pela pressão que o ambiente escolar pode exercer sobre os estudantes, visto que é um ambiente que por muitos anos acolheu a educação bancária, criticada por Paulo Freire em seu livro “Pedagogia do oprimido” (2013).

Na concepção "bancária" que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da "cultura do silêncio", a "educação" "bancária" mantém e estimula a contradição. (p.76)

Muitas vezes ainda percebemos uma cultura escolar impregnado por uma educação em que ao estudante cabe o papel de apenas absorver corretamente os conteúdos “transmitidos” pelos professores. Mas sabemos que isso não é mais uma constante nos ambientes escolares, que cada vez mais têm ampliado suas concepções de ensino e de educação, valorizando e respeitando os sujeitos da aprendizagem.

Nessa seara, o acesso às TDIC e ao ciberespaço merece ser refletido, pois, apesar de promover a autonomia do seu usuário na busca pelo conhecimento, contém um aspecto que não pode ser esquecido: a influência na motivação para aprender, já que a mesma autonomia que privilegia o exercício de fazer as próprias escolhas sobre o que aprender permite que o adolescente ou a criança, em idade escolar, decida o que deve aprender, individualmente. (SOUZA e TAMANINI, 2019, p. 53-53)

Apesar dos riscos dessa iniciativa individual, quando irrefletida, após fazer este estudo e considerar as diferentes vozes, de especialistas e sujeitos da educação, reconheço a validade do que defendem os autores que advogam pela inserção das NTC's na sala de aula, no Ensino de História.

Por ser História uma disciplina que conecta o passado ao presente, direcionando o olhar para um futuro a ser construído, essencial, portanto, na construção de uma sociedade igual, democrática, justa e cidadã, a inovação no seu ensino faz-se ainda mais urgente. Inserir as tecnologias na sala de aula de História é, assim, exigência primeira, tanto para a inclusão digital e social, como para o pleno exercício da cidadania do aluno. Entretanto, essa inserção não pode ser feita por meio de metodologias anacrônicas, em descompasso

com os desafios da contemporaneidade. Já não se admite mais um ensino tradicional, monológico, unidirecional, fragmentado e rígido. Urge um ensino fundamentado na autonomia, na problematização, na autoria e na complexidade, pois, nesse contexto globalizado e midiático, a linha que separa, fragmenta os saberes em disciplinas esvai-se cada vez mais, tornando-se fluida. Para isso, é preciso que o professor esteja em contínua formação, pois é o seu fazer, e não a tecnologia por si mesma, que pode reconfigurar o modelo pedagógico vigente. (Idem, p. 21)

Percebo que, a partir desse processo de pesquisa, os usos das NTIC's trazem uma responsabilidade a mais, ou específica, para o (a) professor (a) de História, porque além da problematização do acesso e das formas de uso, neste campo de conhecimento é de fundamental importância que estejamos atentos ao presente e às formas e meios a partir dos quais este tempo se torna inteligível para nós.

#### **IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho traz uma discussão acerca de um assunto que é considerado incipiente na área de História e das ciências humanas como um todo, que são as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's). Ao considerar as NTIC's e suas vastas possibilidades para se trabalhar o ensino de História na sala de aula, estamos buscando formas de considerar ainda mais o cotidiano dos estudantes, que é o mundo tecnológico no qual os alunos em sua maioria já estão inseridos. A busca pela inserção dessa realidade no ambiente escolar é garantir não só que estejam inclusos no mundo tecnológico, mas que possam também usá-las para além do entretenimento, ou seja, enxergar possibilidades e utilizar pedagogicamente essa ferramenta tão potente que é o celular.

Meu objetivo principal foi abordar como se tem dado os usos das NTIC's em sala de aula após a pandemia da COVID-19, mais especificamente o uso do celular, apontando algumas possibilidades e dilemas para o ensino de História. Como ambiente de pesquisa afim de cumprir com o objetivo, considerei a Escola Estadual Segismundo Pereira, seu PPP, os demais sujeitos dessa escola que foram algumas turmas de 1º e 9º ano e a minha observação enquanto estagiária no segundo semestre de 2023.

Articulando aos estudos bibliográficos a observação do cotidiano escolar e a escuta das percepções da docente e dos estudantes, consegui enxergar melhor o celular como facilitador de aprendizagem, embora isso não seja um consenso na escola. Foi elaborado e aplicado um questionário com os estudantes das 5 (cinco) turmas observadas, afim de entender suas percepções sobre as funcionalidades do celular dentro de sala de aula, ou seja, se conseguiam enxergar o celular como um facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Ainda durante o

período do estágio, ao ler o PPP, percebi que sua visão sobre as NTIC's e o celular poderiam ser um pouco limitada, o que despertou o meu desejo de analisar de uma forma mais profunda e relacionar com as fontes trabalhada nesse artigo. Por último, no que se refere a minha observação, consegui enxergar na utilização do celular em sala tanto malefícios ao ensino-aprendizagem quanto grandes potencialidades, na qual ambos precisam ser explorados de acordo com a realidade de cada escola, considerando seu público.

Como exposto na pesquisa realizada em sala, após a pandemia a necessidade de trabalhar com as TDIC's se tornou ainda mais urgente, exigindo da escola e seus colaboradores a adesão de novos métodos de ensino. Obviamente não estamos defendendo o uso deliberado do aparelho celular dentro da escola e mais precisamente dentro da sala de aula, pois, como já exposto nesse trabalho, o celular também carrega alguns pontos negativos quando usado de forma inadequada, não somente por jovens e adolescentes, mas também por adultos, como estamos presenciando ao longo dos anos com as questões políticas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

AVILA, A. L. DE .. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 161–184, ago. 2021.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2017.

CONCENTINO, Leonardo Lehmann. O ensino de história através de tecnologias: uma experiência da utilização do socrative em sala DE AULA. **Temas & Matizes**, v. 15, n. 26, p. 39-63.

DA COSTA, Marcella Albaine Farias. Ensino de História e tecnologias digitais: trabalhando com oficinas pedagógicas. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 8, p. 247-264, 2015.

DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; MENDONÇA, Jacqueline Aparecida; DA SILVA, Lidia Andrade. Metodologias ativas e tdics experiências no ensino remoto. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 46, 2021.

FRANCO, Aléxia Pádua; OLIVEIRA, Nilza Aparecida da Silva. O Ensino de História mediado

pelas tecnologias e mídias digitais: definindo bases epistemológicas para pensar a relação educação e tecnologias. **XII encontro perspectivas do ensino de História**, p. 1-12, nov. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. [S. l.]: Paz E Terra, 2013. 256 p.

GOVERNO impulsiona Plano de Recomposição das Aprendizagens em escolas de todo o estado. Agência Minas, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/governo-impulsiona-plano-de-recomposicao-das-aprendizagens-em-escolas-de-todo-o-estado>. Acesso em: 25 mar. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações atualizadas sobre tecnologias da informação e comunicação. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias%20da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em: 10 jan. 2024

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista Brasileira de História**, v. 19, p. 125-138, 1999.

LOCASTRE, Aline Vanessa; ALVES, Carlos Monteiro; DOS SANTOS, Fabiana. Mídias Digitais e Ensino de História: reflexões a partir de um projeto do PIBID no Mato Grosso do Sul (2020-2022). **Revista História Hoje**, v. 12, n. 24, 2023.

NUNES, Felipe Becker; ROSA, Eleandro Viana. uso do Smartphone em sala de aula na disciplina de história: desafios e possibilidades. *Informática na educação: teoria & prática*, v. 23, n. 2 Mai/Ago, 2020.

O USO do celular em sala de aula: vilão ou aliado?. Portal Unit: Asscom | Grupo Tiradentes, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/o-uso-do-celular-em-sala-de-aula-vilao-ou-aliado/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SEFFNER, Fernando. Se não agora, quando? A urgência do hoje e a desigualdade como tema no Ensino de História. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0107, maio/ago.2021.

SILVA, Marcos Antônio e FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.31, n.60, p.13-33, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>

SOUZA, Maria do Socorro; TAMANINI, Paulo Augusto. O ensino de história na contemporaneidade: tecnologias digitais, internet e inclusão digital. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte: IFRN, 2019.